



**À PROCURA DE MOÇAMBIQUE: JOSÉ ALBASINI E O *CORPUS* DE UM TUBERCULOSO**

*LOOKING FOR MOZAMBIQUE: JOSÉ ALBASINI AND THE CORPUS OF A TUBERCULOUS*

*A BUSCAR DE MOZAMBIQUE: JOSÉ ALBASINI Y EL CORPUS DE UN TUBERCULOSO*

Larissa da Silva Lisboa Souza<sup>1</sup>

**RESUMO:**

José Albasini é uma figura da história moçambicana pouco discutida. Em suas crônicas publicadas no jornal *O Brado Africano* (1934), escritas durante as viagens pelo interior de Moçambique, à procura da cura de sua doença, a tuberculose, o cronista possibilita ao leitor uma série de reflexões sobre as tensões coloniais do período. Como o corpo enfermo de Albasini se mostra no *corpus* de sua escrita? E, quais seriam as metáforas relacionadas à doença, em seus textos, que tencionam as realidades moçambicanas das primeiras décadas do século XX? São questões que o presente artigo pretende discutir.

**PALAVRAS-CHAVE:** Moçambique; crônica; imprensa; Albasini; doença.

**ABSTRACT:**

*José Albasini is a Mozambican historical figure barely discussed. In his chronicles, published in the newspaper O Brado Africano (1934), written during his journeys through the interior of Mozambique, in search of his disease – tuberculosis – cure, the chronicler allows the reader a series of colonial period tensions reflections. How does the Albasini sick body show itself in the corpus of his writing? And what are the metaphors related to the disease, in*

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, na Universidade de São Paulo (USP).



*his texts, that tensions the Mozambican realities of twentieth century first decades? These are questions that the present article intends to discuss.*

**KEYWORDS:** *Mozambique; chronicle; press; Albasini; disease.*

**RESUMEN:**

*José Albasini es una figura de la historia mozambiqueña recordada, pero poco discutida. En sus crónicas publicadas en el periódico O Brado Africano (1934), escritas durante los viajes por el interior de Mozambique en busca de la cura de su enfermedad, la tuberculosis, el cronista posibilita una reflexión sobre las tensiones coloniales del período. ¿Cómo se muestra el cuerpo enfermo de Albasini en el corpus de su escritura? ¿Y cuáles serían, en sus textos, las metáforas relacionadas con la enfermedad de las realidades mozambiqueñas de las primeras décadas del siglo XX? Son cuestiones que el presente artículo pretende discutir.*

**PALABRAS CLAVE:** *Mozambique; crónica; prensa; Albasini; enfermedad.*

Nos estudos sobre a periodização das literaturas africanas de língua portuguesa, a assertiva de Mario Pinto de Andrade (1997), sobre a visão “protonacionalista” nos textos do início do século XX, ilustra os caminhos historiográficos que definem as primeiras publicações literárias na imprensa.

Ainda que as periodizações sejam importantes à constituição da história literária, pela possibilidade de um diálogo com a História de um país, além de uma interessante ferramenta ao ensino, suas generalizações escamoteiam as particularidades e controvérsias de cada momento, resultando no silenciamento de alguns textos, para que outros se tornem os protagonistas cronológicos que serão estudados.

O “protonacionalismo”, segundo Andrade (1997), designaria o início das manifestações discursivas pelas autonomias dos territórios africanos, perante o colonialismo português, ainda que muitos desses textos refletissem as contradições das elites do período, principalmente relacionadas às políticas de assimilação<sup>2</sup>.

Contudo, a terminologia também acompanha um caráter negativo, visto repelir o que não seria, de fato, nacionalista. Logo, o prefixo “proto” não viria carregado apenas com o significado de “primeiro”, mas sim enquanto “anterior” a algo mais importante.

---

<sup>2</sup> “Os indígenas que demonstrassem um conhecimento considerável da língua e da cultura portuguesas podiam solicitar o estatuto de “assimilados”, estariam livres dos trabalhos forçados, mas ver-se-iam obrigados ao pagamento de impostos em papel-moeda. O processo de assimilação era, contudo, extremamente difícil, em grande medida em função dos limites do próprio Estado colonial” (NEWITT, 1997, p. 441, *apud*: THOMAZ, 2005-2006, p. 259).

Essa divisão, pedagógica para compreender os posicionamentos dos primeiros moçambicanos que publicaram na imprensa, pode ocasionar uma interpretação da formação literária apenas pelo viés político-ideológico, o que se verifica pela quantidade de pesquisas acadêmicas que prioriza os estudos a partir da década de 40, do século XX, nas análises dos textos de intelectuais e ativistas que produziram discursos nacionalistas. Dessa maneira, questiona-se: e os textos publicados anteriormente?<sup>3</sup>

Nos estudos da história literária de Moçambique, Manuel Ferreira, em *O mancebo e trovador Campos Oliveira* (1985), destacou algumas publicações dispersas de Pedro da Silva Campos de Oliveira, na segunda metade do século XIX. E, nos estudos mais recentes, Ana Mafalda Leite, em *Uma breve panorâmica da literatura moçambicana* (2005), considera o escritor como o primeiro poeta moçambicano (LEITE, 2005, p. 548).

Nas reflexões críticas de Rui Knopfli, *Breve relance sobre a actividade literária* (1974) e *Sobre literatura moçambicana* (1980), de Orlando Mendes, o precursor dessa literatura seria Rui de Noronha, já na década de 30, do século XX. Porém, Manuel Ferreira, em *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa II* (1977) e Fátima Mendonça, em *Literatura Moçambicana – a história e as escritas* (1988), inserem *O livro da dor* (1925), publicação póstuma de João Albasini, como obra precursora, sob o ponto de vista histórico, mais do que o estético (FERREIRA, 1977, p. 98).<sup>4</sup>

Ainda que existam algumas diferenças, quanto às perspectivas críticas dessas primeiras produções, as pesquisas estão de acordo sobre o “panorama desértico” desse período, como trouxe Pires Laranjeira, em *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa* (1995).

A visão “protonacionalista”, discutida por Andrade (1977), pode ser mais bem observada a partir de dois importantes periódicos, publicados no início do século XX. Os jornais *O Africano* (1909) e *O Brado Africano* (1914) marcam o início de uma imprensa negra e mestiça nos territórios africanos de, também, língua portuguesa, e esses materiais se destacam nos processos de autonomia e reivindicações locais.

---

3 O trecho da tese do historiador Valdemir Donizetti Zampori (1988) é interessante para refletir sobre isso: “penso que os textos publicados pelo *O Brado Africano*, no final da década de trinta, marcam o crepúsculo de um percurso. Ler os jornais dos anos quarenta e posteriores foi, para mim, um enfado; de meados dos anos trinta em diante, a mesmice patrioteira se repetiu número após número e, exceto pela poesia de Rui de Noronha e depois, a partir de meados dos anos quarenta, quando despontaram novos poetas como José Craveirinha e Noémia de Souza, pouco ou quase nada de criativo, de crítico ou de inovador foi produzido ou, ao menos, veio à luz como produto desta pequena burguesia filha da terra” (ZAMPARONI, 1988, p. 542).

4 No livro *História da Literatura em Moçambique* (1998), Orlando de Albuquerque e José Ferraz Motta fazem uma crítica aos estudos propostos, alegando serem construções de cunho ideológico. Questionando a importância da publicação do livro de Albasini, os autores tratam *O livro da dor* como uma “obrinha”, inclusive adjetivando o trabalho jornalístico de João Albasini como “razoável” (ALBUQUERQUE e MOTTA, 1998, p. 15). Quanto ao teor ideológico, a discussão é válida, ainda que o discurso construído pelos dois pesquisadores não reconheça o trabalho do jornalista, além de desmerecê-lo, o que acredito ser bastante problemático.

Logo, no “panorama desértico” (LARANJEIRA, 1995) das primeiras décadas do século XX, algumas interessantes publicações podem trazer novas perspectivas para a historiografia literária.

O autor de *O livro da dor* (1925), o jornalista João Albasini (1876-1922), tornou-se referência aos estudos da imprensa no país, visto ser um dos fundadores dos jornais citados. Porém, grande parte das pesquisas, no âmbito literário, apenas o menciona, e poucas são as que analisam os seus textos.

Se escassos são esses trabalhos, menos ainda são as pesquisas sobre o seu irmão, José Francisco Albasini (1878-1935). Apagado da história, José é apenas lembrado enquanto irmão de João, que também contribuiu para a criação do *Grémio Africano*, na antiga cidade de Lourenço Marques, atual Maputo, capital do país, e das edições dos dois periódicos, como editor.

As pesquisas nos jornais, felizmente, ainda revelam importantes descobertas. Foi o que fez, por exemplo, César Braga-Pinto (2015), reunindo as crônicas de José Albasini publicadas durante o ano de 1934, no jornal *O Brado Africano*. E o crítico também constrói a sua assertiva, que incluiria Albasini na periodização literária do país, visto a possibilidade de seus textos serem considerados “a primeira narrativa de intenções literárias escrita por um moçambicano” (BRAGA-PINTO, 2015, p.11).<sup>5</sup>

Declinando as atenções às periodizações e suas resensões, o objetivo deste artigo é analisar as crônicas de José Albasini publicadas no jornal *O Brado Africano* (1934), relacionadas ao seu adoecimento, pela tuberculose. Como o corpo enfermo do cronista se mostra no *corpus* de sua escrita? E quais seriam as metáforas relacionadas à doença que tencionam as questões moçambicanas do período?

As reflexões serão interessantes para observar as contradições dessa elite, mas, sobretudo, os avanços sobre alguns temas fundamentais aos discursos nacionalistas que, posteriormente, seriam criados. Logo, essas primeiras escritas não devem ser relegadas.

### **José Albasini: um corpo assimilado entre a “civilização” e a “não civilidade”**

As primeiras manifestações discursivas publicadas em Moçambique datam da segunda metade do século XIX. Com o início da tipografia no território, um setor urbano iniciava um processo de afirmação autônoma, através de seus interesses locais<sup>6</sup>. Para o historiador Valdemir Zamparoni (1988),

---

<sup>5</sup> Entretanto, o crítico faz uma ressalva sobre os textos de João Albasini publicados anteriormente, sob o pseudônimo de Chico das Pegas (BRAGA-PINTO, 2015, p. 11).

<sup>6</sup> O primeiro jornal foi publicado em 13 de maio de 1854, com o nome de *Boletim do Governo da Província de Moçambique* (ROCHA, 2000, p. 32).

Esta “burguesia local”, intermediária do tráfico e pilhagem mercantil é, amiúde, “filha da terra”, mas os seus ideais desenvolvem-se na esteira dos que acompanham o crescimento do sistema imperialista e colonialista português. Quando os seus interesses locais ou de acumulação e investimento são obstruídos pela ação colonial, desenvolve ideias “independentistas”, embora sem a perspectiva da Nação Moçambicana (ZAMPARONI, 1988, p. 74).

Uma nova categoria social assim surgia, uma elite branca e miscigenada pertencente ao território africano, que respondia à colônia, ou o “negro que se aproximava efetivamente no núcleo de poder – sem se confundir com ele” (THOMAZ, 2005-2006, p. 257).

Os chamados assimilados eram, segundo Fátima Mendonça (1988), aqueles que serviam ao Estado colonial nos territórios africanos, tanto como suporte das demandas administrativas, como pelos serviços de níveis baixos “(intérpretes, escriturários, enfermeiros, professores de escolas rudimentares)” (MENDONÇA, 1988, p. 9).

Para a circulação das ideias deste novo estrato social, Tânia Macedo e Vera Maquêa (2007) afirmam a importância dos meios de comunicação e, dentre eles, o jornal como “espaço privilegiado de divulgação dos textos” (MACEDO & MAQUÊA, 2007, p. 14).

Felizmente, encontra-se “dispersa, mas preservada” (ZAMPARONI, 1988, p. 74)<sup>7</sup> grande parte da documentação do período. Esses materiais estavam ligados aos movimentos associativos como fenômeno urbano, principalmente em Lourenço Marques, a exemplo do *Grémio Africano* e da *Associação Africana*, expandindo-se para outras cidades, no século XX.

A família Albasini teve grande importância, não apenas em Moçambique, visto muitos textos terem como correspondentes os intelectuais de outros países africanos, circulando, assim, os periódicos por diversos lugares.

Considerados como *outsiders* no regime colonial português (THOMAZ, 2005-2006, p. 258), os irmãos João e José foram os pioneiros na imprensa de negros e mestiços, pela criação de *O Africano* (1909) e *O Brado Africano* (1918), escritos em português e ronga, bem como algumas publicações em inglês e zulu (BRAGA-PINTO, 2015).

O primeiro jornal foi publicado com o nome de *O Africano*, em 1909, com a contribuição de Estácio Bernardo Dias (1877-1937), pai do escritor João Dias (1926-1949), junto ao *Grémio Africano*, de Lourenço Marques, contendo treze números, ao longo de um ano. Reaparecendo em 1911, mas sem o Grémio, tornou-se o maior veículo de circulação em Moçambique, como também entre os mineradores moçambicanos na África do Sul (ZAMPARONI, 1988; ROCHA, 2000).

---

<sup>7</sup> A afirmação é de 1988, contudo, esses periódicos ainda estão dispersos. Há, pelos menos, dois lugares de consulta de vários números do jornal *O Brado Africano*: de 1918 a 1922 no Centro de Pesquisa em História Social da Cultura (CECULT), da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), no Brasil, e de 1918 até a década de 50, na Biblioteca Nacional, em Lisboa, Portugal.

Com a venda deste primeiro periódico, os irmãos Albasini e Bernardo Dias lançaram outro jornal, com “a mesma fórmula para a criação do primeiro” (ROCHA, 2000, p. 94). *O Brado Africano* surge em 1918, como um importante jornal que atravessou décadas, possibilitando a visibilidade de intelectuais e escritores e sendo fundamental para a história dos países africanos, até o ano de 1974, com o seu fim.

Ilídio Rocha (2000) afirma que os textos publicados refletiam um ponto de vista colonial e, em relação aos negros, traziam os mesmos posicionamentos dos brancos e “nunca de lhes aliviar as penas de quase escravos” (ROCHA, 2000, p. 122).

Na análise de alguns volumes do periódico *O Brado Africano*, sob a direção de José Albasini, na década de 30, é possível refutar a afirmação de Ilídio Rocha. Na publicação de 24 de junho de 1933, por exemplo, há, em sua capa, o texto intitulado “Um caso grave”, discutindo a causa do elevado número de abortos sofridos pelas trabalhadoras rurais, em Xinavane. O texto levanta como possível razão a péssima condução ao trabalho, tanto pelas estradas em más condições, como pelos caminhões que transportavam essas mulheres (*O Brado Africano*, 1933).

Além desse, outros foram os textos que discutiam os problemas relacionados aos trabalhadores, incluindo a condição das mulheres moçambicanas. As crônicas de José Albasini, publicadas durante o ano de 1934, são exemplos dessas poucas produções com algumas preocupações sobre a condição dos chamados, pela administração colonial, “indígenas não civilizados” (ANDRADE, 1997, p. 26). Logo, uma relevante contribuição à historiografia literária do país.

Os textos de José Albasini foram publicados num complexo momento, tanto para a continuidade do periódico, em sua “fórmula” inicial proposta, como na vida pessoal do jornalista. João Albasini havia morrido em 1922, em decorrência de uma tuberculose, deixando a direção e edição do jornal para José e Bernardo Dias. Como João era o grande articulador na promoção do material, visto suas boas relações com as elites, é possível afirmar que sua morte tenha contribuído para as dificuldades seguintes do periódico.

Após um período de suspensão do jornal, resultando na mudança de seu nome para *O Clamor Africano*, em 1932, a volta do título original, em 1933, não diminuiu os problemas existentes, visto a inserção da Lei “João Belo”, de 1926, obrigando um membro licenciado na direção dos periódicos. Dessa maneira, durante os primeiros anos da década de 30, novos nomes surgiram, e, ainda que José Albasini e Bernardo Dias continuassem na direção e edição do *O Brado Africano*, suas figuras perderam espaço nas articulações dos materiais. Os dois fundadores foram, inclusive, afastados da gestão do *Grémio Africano* (ZAMPARONI, 1988, p. 526).

O silenciamento crítico sobre José Albasini se deve, justamente, às suas relações entre os que se autodeclaravam “filhos da terra” (ZAMPARONI, 1988). Na publicação de 09 de junho de 1934, a primeira página de *O Brado Africano* traz uma série de homenagens ao jornalista,

pela criação e manutenção do periódico. Estácio Bernardo Dias, companheiro dos irmãos Albasini desde a publicação de *O Africano*, assim escreveu sobre José:

A primeira impressão que tive do irmão foi de um assimilado de meia dose; mal aparelhado, com musculatura forte, vergado de ombros, fazendo lembrar os serviços das alfandegas e para mais não acompanhando a civilização nos vícios do fumo; não acompanhando as refeições com o delicioso nectar dos deuses, como complemento de civilização e, pior ainda, fungando rapé! (DIAS. In: *O Brado Africano*, 1934).<sup>8</sup>

José Cantine, outro jornalista que publicava no jornal, colaborando com a seção em língua ronga e tornando-se diretor do período em 1934 (ZAMPARONI, 1998, p. 410), corroborou as palavras de Bernardo Dias, mas se expressando de forma menos agressiva:

Quanto à simplicidade, José Albasini é a personificação da modéstia, nunca se preocupou nem com o luxo nem com o seu bem estar, e assim soube atrair a si todo o elemento africano que andava disperso pelos suburbios da cidade de mistura com indígenas semi-civilizados, fundando um Grémio onde pudesse divertir-se dentro dos preceitos da boa educação e da civilização, acompanhando assim a evolução e o progresso da sociedade civilizada pela leitura de obras e jornais (CANTINE. In: *O Brado Africano*, 1934).<sup>9</sup>

Dentre as políticas de assimilação, José parecia ser o menos “civilizado” da família. A forma como Bernardo Dias se refere ao corpo de Albasini, bem como aos seus modos, traduz-se no preconceito intrínseco do período, a “meia dose” que buscava civilidade, mas preservando algumas características reprovadas pela elite moçambicana. O que não muito difere das palavras de Cantine, demonstrando que o jornalista partilhava de dois mundos, o da “civilização” junto à “mistura” da “não civilidade”.

### **À procura de Moçambique: o *corpus* de um tuberculoso**

Na página principal de *O Brado Africano*, em 03 de março de 1934, uma pequena nota informava que José Albasini chegava de Incomati, mas que partiria novamente, com o objetivo de curar uma grave doença. Posteriormente, outra nota, com o título “À procura de saúde”, trazia a seguinte informação:

Iniciamos hoje a publicação de umas crónicas do nosso Director escritos de Incomati, onde se encontra. Pensa ele em abordar varios assuntos não só respeitantes a Incomati como tambem a Ressano Garcia, Moamba, Missão de S. Jerónimo, Missão de Antioka, Xinavane, Manhiça, Escola de Preparação de Professores etc., etc. Nestas crónicas procurará o nosso Director, contar tudo

---

8 Mantive a grafia exatamente como está no jornal, a exemplo de “civilização”.

9 Mantive, também, os erros de datilografia, como em “jarnais”.

o que sabe e aquilo que outros sabem, lendas e superstições indígenas, contos reg'onaes, usos e costumes etc. (*O Brado Africano*, 1934).

O jornalista que, nos últimos números do jornal, assinava apenas a sua direção, publica uma série de doze crônicas, sob o título de “À procura de saúde. Crônicas de um doente” (ALBASINI. In: *O Brado Africano*, 1934).

Os textos foram construídos a partir de uma estratégia discursiva encadeada, sem títulos, mas com algarismos romanos que demarcam a sua sequência, retratando as viagens feitas pelo cronista, em diversos territórios moçambicanos, à procura de um melhor lugar para a cura de sua doença, a tuberculose.

As datas de publicação também aludem a um complexo período, não apenas para Moçambique, como aos outros territórios africanos. O “Ato Colonial”, uma lei constitucional aprovada em 1930, redefinia as relações entre Portugal e os territórios africanos do “ultramar”. Dessa maneira, as dificuldades aos assimilados ligados à imprensa e às Associações eram caracterizadas pelas proibições a esses grupos, com os fechamentos de seus espaços e as censuras aos periódicos. Nas palavras de César Braga-Pinto (2015),

É necessário ter em mente tal estado de desilusão em que se encontrava José Albasini e seus pares, diante da tensão que se tornava cada vez mais acirrada com a instauração do Estado Novo de Salazar. É neste momento de ascendente clima de racismo, com a segregação racial nas escolas e nas salas de cinema, o recrudescimento da censura, a divisão entre negros e mulatos, a inevitável cooptação dos assimilados, e a atitude de negação da herança africana por boa parte das novas gerações que o “assimilado de meia dose” José Albasini publica (...) (BRAGA-PINTO, 2015, p. 20).

O corpo de José Albasini, marcado pelo preconceito de um assimilado que estava entre a “civilização” e a “não civilidade”, traz ao *corpus* de sua escrita uma chaga, a tuberculose. O título da série, “Em busca de saúde. Crônica de um doente”, com a primeira publicação em 03 de março de 1934, já apresenta este universo.

Nos estudos da *illness narrative*, os antropólogos Veena e Ranen Das afirmam que, em muitos casos, a história de uma doença estaria ligada às relações de parentesco de um indivíduo (DAS & DAS, 2007, p.68). Todavia, a família Albasini estava ligada não a um universo doméstico facilitador do alastramento da tuberculose, mas sim, nos planos afetivo e metafísico, à doença como elo entre o vivo enfermo, José, e os mortos, seu irmão João e outros membros do grupo que, também, sucumbiram<sup>10</sup>. É possível observar essa ligação, a partir do excerto da crônica VII:

---

10 Dados incertos sobre a possível morte de uma filha (BRAGA-PINTO, 2015, p. 20).

Mas ainda que um homem faça o bastante para se não ralar, para viver em paz, não o pode fazer se ralações vêm ter conosco, ora quando nos morre o pai e a mãe, que tanto amamos e que nos deram o ser, ora quando nos morrem os filhos, que são a carne da nossa carne ou, ainda, quando desaparecem dia a dia os nossos amigos queridos. O coração sofre então por mais esforço que um homem faça para o tornar calmo. Dai as doenças que atormentam, maçam e nos arrebetam (ALBASINI. In: *O Brado Africano*, 12 de maio de 1934).

Susan Sontag (1984), discutindo o alastramento da tuberculose epidêmica na Europa, no século XIX, afirma que a doença era encarada como um “mal não compreendido” (SONTAG, 1984, p. 5). No território moçambicano de Albasini, diferentemente, a tuberculose seria o resultado de uma superstição, como exposto no excerto de sua primeira crônica: “(...) historiando uma superstição nativa a meu respeito e da minha família. Trata-se de uma fera à solta, que já deu cabo de algumas pessoas, entre elas João Albasini e Guilherme Bruheim” (ALBASINI, In: *O Brado Africano*, 03 de março de 1934).

A “terrível doença que me condenou” (Idem) possibilitou ao cronista um percurso por vários locais, de Lourenço Marques para Intimane, sua aldeia de origem, além de Ressano Garcia, Marracuene, Magudo, Manhiça, Incomati, Xinavane e Tanianga. Todavia, é interessante observar que o nome “tuberculose” nunca é exposto em seus textos. À vista disso, o silenciamento discursivo que Sontag discorre em seu estudo, como uma estratégia de enfrentamento da doença, na negação pela fala (SONTAG, 1984), também é característico nos textos de Albasini.

A degradação do corpo enfermo do cronista acompanha a trajetória da viagem, mas resultando em profundas reflexões sobre os problemas do território moçambicano, como mais uma estratégia discursiva para o enfrentamento da doença, na percepção do meio e do outro como forma de esquecimento de sua condição.

Contudo, enquanto o leitor prevê que, com este cenário, encontrará um conteúdo denso e trágico sobre a vida, engana-se. O ritmo acelerado das crônicas, enquanto uma narrativa despretensiosa, bem característica do gênero, demonstra um discurso solto, divertindo quem as lê. A escrita, dessa forma, torna-se um passatempo para retardar a morte, e Albasini se refere à tuberculose, muitas vezes, de forma jocosa: “Enfim médicos e medicamentos não me faltaram: a doença é que era de má qualidade.” (ALBASINI. In: *O Brado Africano*, 10 de março de 1934).

A ironia e o sarcasmo é frequente ao longo dos textos. Fundamentais para observar o rigor na construção discursiva, esses recursos estilísticos foram usados como crítica a respeito do conhecimento ocidental sobre a doença, bem como das relações econômicas e sociais dos colonos, no território moçambicano:

todas as noites, das 2 da madrugada à manhã clara, acordava a tossir, e isso durava horas e horas e não dormia mais. Depois já não era só à noite que tossia; mas de dia também. Eu não me descuidei com esta doença. Logo no dia seguinte consultei um amigo, que me aconselhou uma “*bebedeira de cognac com açúcar e leite quente*”. Como não bebo bebidas alcoólicas, resisti a tomar o cognac, mesmo como remédio. Um outro aconselhou-me “*Vinho muito açucarado e muito quente tomado já deitado*”; também não aceitei. Depois destes vieram centos e centos de receitas, umas da farmácia e outras caseiras; a maioria pendia para medicamentos confeccionados com bebidas, o que me fez compreender rapidamente o motivo da prosperidade das cantinas – é que vendem bebidas como bebidas e bebidas como remédios (ALBASINI. In: *O Brado Africano*, 10 de março de 1934).

A tuberculose, muitas vezes, é citada apenas no início ou em algumas breves passagens dos textos. A conversa com um médico, a descoberta de um novo tratamento, ou mesmo a condição corpórea que se degradava, são apenas o intróito para observar e aprofundar as reflexões sobre Moçambique.

Um interessante exemplo, em que é possível detectar as contradições dessa elite, está na discussão sobre as tradições e crenças das comunidades rurais, publicada na crônica de número II. A partir de um discurso de total distanciamento e descrença em relação aos saberes dos grupos do interior do território moçambicano, o cronista se mostra, ao mesmo tempo, contrário aos posicionamentos coloniais que os deslegitimam.

Nos excertos a seguir, é possível atentar a essa relação conflituosa. No primeiro, o posicionamento jocoso sobre o que o mesmo chama de “superstição indígena”; porém, no segundo, justifica os rituais tradicionais pela vinda da chuva, visto que a ciência do “civilizado” também não trazia benesses às suas comunidades:

Há também jacarés, o que não obsta que quase toda a gente vá ao rio banhar-se, com água pelo peito, como vi. É que, segundo a superstição indígena, só por feitiçaria é que alguém pode ser vítima de tal monstro. De modos que, volta e meia há uma desgraça; uma perna que se vai e algumas vezes com o dono dela também. Mas nem assim se convencem e continuam atirando culpa aos feiticeiros (ALBASINI. In: *O Brado Africano*, 10 de março de 1934).

A ciência tem, com muito trabalho e imensa canseira, conseguido descobertas importantes. Pois bem, todas elas são inferiores a fazer chover no tempo seco! A aflição do lavrador e do criador de gado é tão grande que aceita nesta altura a intervenção do homem que a troco de algumas libras promete regar a terra e fazer nascer não só o alimento para o homem, como o pasto para os gados. De resto, não há que rir do preto inculto e selvagem, porque nos centros civilizados os cristãos saem em procissão, pedindo chuva, que tanta falta faz (ALBASINI. In: *O Brado Africano*, 23 de junho de 1934).

O viajante traz em suas crônicas certo ceticismo a respeito das manifestações que pôde observar. Contudo, Albasini não deixa de expressar a sua própria fé, seja para compreender a causa de sua doença, como para legitimar os saberes “indígenas”, distanciando-se, dessa maneira, da “civildade” de um assimilado.

Seu adoecimento, assim, possibilitou-o a uma viagem pelas histórias de diversos povos, demonstrando em seus textos um posicionamento contrário às políticas do Estado Colonial: “Os cientistas, os brancos, desprezam estas coisas todas e não procuram sequer estudar e aprofundá-las” (ALBASINI. In: *O Brado Africano*, 23 de junho de 1934).

Diferentemente de seu irmão, João, que foi procurar a cura de sua doença através da ciência ocidental, e no território colonial (Lisboa), José Albasini escolheu Moçambique como possibilidade de sua busca, inclusive através das sabedorias tradicionais.

Se o assimilado de “meia-dose” não encontrava a cura de sua doença no processo de assimilação, através da sabedoria ocidental, a busca pela cura nos espaços tradicionais não possibilitou ao mesmo a saúde que tanto almejava, porém, essas experiências trouxeram ao cronista a compreensão das complexidades desses povos, desierarquizando-os das categorias coloniais que os inferiorizavam.

As contradições dos textos de José Albasini representam os conflitos identitários que esses intelectuais experienciavam no assimilacionismo. O corpo enfermo do cronista, porém, trouxe novos olhares sobre o território moçambicano, valorizando alguns saberes tradicionais e tensionando as dualidades fixas, a exemplo do colono “civilizado” e do colonizado “indígena”.

Dessa maneira, sua busca foi além da cura de uma doença, mas se construiu como metáfora das novas perspectivas sobre a condição dos africanos, no colonialismo português. Não há dúvida que esses são discursos protonacionalistas, mas que o prefixo desta palavra não venha carregado de tantos significados contraproducentes.

## REFERÊNCIAS

ALBASINI, João. **O livro da dor: cartas de amor**. Lourenço Marques: Tipografia Popular de Roque Ferreira, 1925.

ALBASINI, José. *À procura de saúde. Crônicas de um doente*. **O Brado Africano**. Lourenço Marques, 1934.

ALBUQUERQUE, Orlando de. & Motta, José F. **História da Literatura em Moçambique**. Braga: Edições APPACDM, 1998.

ANDRADE, Mário Pinto de. **Origens do nacionalismo africano**. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

BRAGA-PINTO, César (Org.). **José Albasini. À procura de saúde. Crónicas de um doente (1935)**. Maputo: Alcance Editores, 2015.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: **Para gostar de ler: crônicas**. Volume: 5. São Paulo: Ática, 2003, p.89-99.

CANTINE, José. José Albasini. Eminente figura da Sociedade Africana. **O Brado Africano**. Lourenço Marques, 9 de junho de 1934.

DAS, Veena & DAS, Ranen. How the body speaks: illness and the lifeworld among the urban poor. **Subjectivities: Ethnographic Investigations**. BIEHL, J; GOOD, B; KLEINMAM, A. (Orgs). California: University of California Press, 2007, p.66-97.

DIAS, Estácio Bernardo. José Albasini. **O Brado Africano**. Lourenço Marques, 9 de junho de 1934.

FERREIRA, Manuel. **O macebo e trovador Campos Oliveira**. Lisboa: IN-CM, 1985.

KNOPFLI, Rui. Breve relance sobre a actividade literária. **Boletim da Sonap e Sonarep de Moçambique**. Lourenço Marques, 1974.

LARANJEIRA, Pires. **Literaturas africanas de expressão portuguesa**. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

LEITE, Ana Mafalda. **Uma breve panorâmica da literatura moçambicana**. Coimbra: Almedina, 2005.

MENDES, Orlando. **Sobre Literatura Moçambicana**. Maputo: Instituto Nacional do Livro e do Disco, 1980.

MACEDO, Tânia. & MAQUÊA, Vera. **Literaturas de Língua Portuguesa: marcos e marcas - Moçambique**. São Paulo: Arte & Ciência, 2007.

MENDONÇA, FÁTIMA. **Literatura Moçambicana. A história e as escritas**. Faculdade de Letras. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, 1988.

ROCHA, Ilídio. **A imprensa em Moçambique**. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 2000.

SONTAG, Susan. **A doença como metáfora**. Trad. Márcio Ramalho. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

THOMAZ, Omar Ribeiro. “Raça”, nação e status: histórias de guerra e relações raciais em Moçambique. **Revista USP**. Número: 68. São Paulo, 2005/2006.

ZAMPARONI, Valdemir Donizette. A imprensa negra em Moçambique: A trajetória de “O africano” – 1908-1920. África. Revista do Centro de Estudos Africanos. Universidade de São Paulo. Número: 11. São Paulo, 1988, p.73-86.

\_\_\_\_\_. **Entre narros & Mulungus. Colonialismo e paisagem social em Lourenço Marques**. Tese na área de História Social. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998.